

BALANÇO CRÍTICO DA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA VI BIENAL DO MAM

Incluiu a VI Bienal, na sua programação comemorativa, uma série de salas dedicadas a artistas premiados nas Bienais anteriores, desde a primeira. As salas teriam um caráter amplo, de retrospectiva ou de coleção exemplificativa. Nesse sentido, parece-nos, caberia seguir um caráter antológico e não uma orientação de "mostrar tudo", que foi a que se verificou em três salas: a de Goeldi, a de Volpi, a de Milton Dacosta. Mesmo para o caso de Goeldi, uma seleção seria interessante; e Goeldi foi um artista erudito, trabalhado por uma experiência consciente de seus meios. Não se dá o mesmo com Volpi, a quem uma intuição guiou, do quase "ingenuo", para a sua pintura de hoje, com que chegam a entusiasmar-se até os concretistas e os neoconcretistas. Rigorosamente, não caberia à Bienal reunir 95 trabalhos de Volpi, para chegar a esse resultado que apresenta, e que vai em detrimento da própria obra de Volpi. Milton Dacosta poderia, também, selecionar mais e melhor. Uma supervalorização dada pelos que o acompanham em suas trajetórias, tornou impossível uma autocrítica na organização da Sala, que, afinal, não seria uma demonstração de força, mas uma homenagem prestada aos artistas pela Bienal. Daí, nessas três salas especiais, diluir-se muito do que realmente valem.

Dos desenhistas, é Grassmann quem melhor se realiza. Apresentando apenas desenhos de uma série "O cavaleiro e outros temas", com 20 trabalhos somente, o artista que José Roberto Teixeira Leite apresenta, numa sintética mas brilhante introdução, faz de sua sala um dos lugares em que a Bienal expele a sua demonstração de qualidade e de originalidade.

Caribé também apresenta os seus títulos, e com 23 desenhos nos dá conta do que tem sido a sua "naturalização baiana", o seu esforço notável de captação ecológica e humana, na área dos Brasis em que se fixou.

Livio seguiu o critério biográfico. Salva-se o artista como sempre pela sua generosa espontaneidade na conquista de uma expressão, o que nele se deu em condições as mais adversas. Daí esse travo que permanece ao longo de sua obra. Aldemir Martins seguiu outro caminho: pouco, mas em grande formato, e num artista que fez e obteve tu-

do o que é através do figurativismo, não o representa esse limiar abstrato em que hoje ingressa.

Fayga Ostrover preferiu, como Grassmann, apresentar-se bem, e assim a sua sala guarda homogeneidade e qualidade. Dá bem um balanço dos seus dois últimos anos de trabalho, em que um aparentemente lento progresso se vai desenvolvendo.

A exposição de Arnaldo Pedroso d'Horta é antológica, porque dispensa os apoios de sua história em pesquisas — pode-se discordar de uma ou de outra peça, como seleção qualitativa, mas o conjunto demonstra o trabalho de Arnaldo. Singulamente, entre todas as salas especiais do Brasil, Danilo di Prete apresenta a mais bela coleção de trabalhos, a mais harmoniosa e una. Não se trata de uma retomada de posição: consideramos errado que o "Limos" de 1951 esteja aí, mas também esse quadro, Premio do Melhor do Brasil na I Bienal, atesta, põe em relevo, comprova a notável evolução de di Prete, aos seus quadros das preocupações cósmicas. E o resultado do conjunto se faz simplesmente admirável. Cabe-nos reconhecê-lo e proclamá-lo.

SEÇÃO GERAL: Brasil

Impõe-se, primeiramente, num caso que é nosso, com a Seção do Brasil "sala geral", indagar se é válida a presença da "pesquisa" entre os trabalhos definidores da Bienal. Sob um certo aspecto, mais amplo, responderíamos negativamente. Bienal não é para expor pesquisa. Na sua transitoriedade, a pesquisa serve unicamente ao artista, em primeiro lugar — aos artistas em segundo lugar. Na hiperaceleração da história que é a lei do Presente", como observa Restany, a pesquisa nasce e morre, ou nasce e permanece. Não se qualifica mais como pesquisa um Burri, nem, imediatamente ao seu lado, na Seção Geral do Brasil, Cyro del Nero, quadro 79 "Pintura, 1961", devem ser considerados pesquisa. A pesquisa é a de Caciporé Torres, a de Abraham Palatnik (caixa com aparelhagem elétrica), colocada em artes plásticas... A pesquisa é a de Luís Sacilotto, com as suas "concreções", em alumínio, que, positivamente, representam, a nosso entender, uma inutilização da esperança que este artista dum grupo desfeito ("os 4 expressionistas"), nos apresentava até os "19 pintores", de 1947. O esforço de Sacilotto redundou em inutilidade.

De um ponto de vista afirmativo, a pesquisa de um artista da importância de Frans Krajcberg é válida — ele aí corre todos os riscos de sua carreira. O público recua diante do feio, sem compreender que ele deve enriquecer o artista em sua expressividade.

Entre os grandes nomes brasileiros em pintura, desta Bienal, Antonio Bandeira, Yolanda Mohaly, Ivan Serpa, Manabu Mabe, Maria Leontina, Flexor, Bonadei, Lula, Boese, incluem-se com trabalhos de diferenciados valores. Bandeira com a sua força, o seu lirismo transbordante — o emprego das pequeninas contas seria um reforço expressivo? Responderíamos que não. O tempo dirá. Entretanto, a arte de Bandeira nos parece bem acima da arte de Iberê Camargo (Premio de Pintura-Brasil, desta Bienal), como igualmente está acima do premiado a pintura de Yolanda Mohaly, em que um equívoco, que não deve ser levado em conta, faz aproximações desses oleos admiráveis com o de Poliakov. Se a comparação só faz honra a Yolanda, não é contudo uma comparação legítima. Como Yolanda, Ivan Serpa inova: mas inova vigorosamente, como tão decidida se mostrara a sua repulsa ao seu recente passado (concretista), no Salão Nacional de Arte Moderna e posteriormente no MAM do Rio de Janeiro. Sua tempera se atria impressionantemente nos targes espaços; uma explosão vital se cristaliza nesses painéis, fugindo às limitações do cavalete.

O ímpeto libertador marca também as pinturas de Firmino Fernandes Saldanha, de Frank Schaeffer (guaches), e de Manabu Mabe. Neste último caso, poderemos incluir em "pesquisa" os grandes formatos, pois, aqui mesmo na Bienal,

quadros, em outra escala, nos dão melhor Mabe. O artista precisa estabelecer uma autocrítica ao que faz, em benefício de sua pintura, pois não cogitamos aqui dos êxitos de aquisição.

Bonadei apresenta apenas pesquisa nesta Bienal. Flexor luta por acondicionar a explosão cósmica. Maria Leontina "volta" ao seu colorido, e isto é uma alegria para os que reencontrem a admirável visualizadora que ela sempre foi, distraída tanto tempo por veredas construtivas que não ultrapassaram os seus jogos de luz de interiores e naturezas-mortas.

Lula traz-nos suas transcrições do Nordeste, ecológicas e vivas, até um colorido de "oce de goiaba vem aí, enquanto Boese domina, com uma solene mestria, o colorido mais "paulista", embora vá mesmo ao abstrato. É uma pintura séria a de Boese.

PINTORES MAIS JOVENS

Aloisio Magalhães assinala melhor no seu "Imago" verde uma composição bem decorativa, como é de seu temperamento. Sheila Brannigan é a pintora tachista de mais força, Domenico Lazzarini mostra-se com o desenvolvimento normal de sua pintura graficamente sustentada, Leopoldo Raimo encontrou seu caminho — é um caso que está afeto ao próprio artista; na linha em que vai parece-nos estar o fim de possível cristalização de sua pintura. Wega Nery Comes Pinto tenta a pintura tachista, o que deixa longe a prudente desenhista que sempre foi; mas está no princípio. Lolo Persio nada acrescenta com "A irremediável perda". Fukushima, bem equilibrado, e Flavio Shiro Tanaka na mesma altura com outros elementos. Glauco Rodrigues precisa limpar a sua fatura. Anatol Wladyslaw com a pintura em preto e azul (n.º 4). Rissone permanece com suas paisagens desoladas, há um empobrecimento em sua composição, que atinge o sentido poético. Tomie Ohtake ainda não saiu de seu "impasse". Há delz apenas um quadro que dá alguns indícios. Do quê?

Raimundo Nogueira se apresenta bem, com seus títulos cheios de invenção.

Não devem ficar sem citação embora "pesquisa" os dois trabalhos de Henrique Oswald. Pesquisa também num rumo bem definido, mas alheado ao problema da criação artística, a série de colagens de Teresa d'Amico. Ianelli (Thomaz), permanece em suas motivações despojadas, seguido por Eleonore Koch.

Além de tudo isso, há o grupo dos concretistas e dos neoconcretistas, todos eles perto da verdade. Os pintores deveriam deixar de pintar, desde que negam o quadro — não haveria melhor maneira de negá-lo, nem mais eficiente, nem mais eloquente do que abandonar a pintura. Há um caso ilustre, que é o de Geraldo de Barros. Se um Waldemar Cordeiro ainda pinta, é que sua reconversão é possível. O artista dos "objetos ativos" insiste em suas madeiras, e no "tromepe l'oeil" que descobriu, Barsotti requinta. Alguns, nem é preciso citar.

Há jovens esperanças perdidas, como o caso de Ivan Freitas, que tem pinturas melhores do que na Bienal. Hiroyuki Kawano emerge com suas possibilidades. Paulo Chaves permanece azul, mas não se destaca. Vera de Sant'Ana se apresenta sem relevo.